



## **Um telejornal, duas interpretações: dicotomias e antagonismos na representação da identidade local<sup>1</sup>**

Marcos Vinicius MEIGRE<sup>2</sup>

Mariana Ramalho Procópio XAVIER<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

O presente artigo se propõe a refletir sobre a representação da cidade de Cataguases (MG) transmitida pelo telejornal MGTV, da TV Integração de Juiz de Fora. Para tanto, valemo-nos de discussões em grupos focais com jovens estudantes da cidade, a fim de analisar quais elementos caracterizam a identidade local a partir do foco dado pela TV regional e que são notados pelos estudantes. Fundamentamos nossas discussões em autores como Stuart Hall, Serge Moscovici e Kathryn Woodward e detectamos a existência de claras oposições entre as maneiras como distintos grupos juvenis recebem conteúdos midiáticos sobre a cidade, a ponto de se vislumbrar dois panoramas bastante diversos acerca do que é ser cataguasense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade local; representações sociais; telejornalismo regional; juventude.

### **INTRODUÇÃO**

A televisão se consolidou como um dos principais meios de comunicação e é alvo dos mais variados estudos e críticas. Mesmo em tempos de sobreposição das mídias digitais, que preconizam novas maneiras de se relacionar com conteúdos midiáticos tradicionais, a TV continua alçada como importante ponto referencial para o cotidiano dos indivíduos. Capaz de disseminar representações das mais diferentes naturezas, em atrações ficcionais e não-ficcionais, o meio televisivo estabelece uma estreita relação com o âmbito da audiência. Esta, por sua vez, busca identificar elementos familiares nos conteúdos que lhes são transmitidos, de modo a se reconhecer enquanto peça fundamental do processo de produção televisiva. É assim que se difundem as representações sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista CAPES, email: [marcosmeigre@hotmail.com](mailto:marcosmeigre@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Linguística do Texto e do Discurso. Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, email [mariana.procopio@ufv.br](mailto:mariana.procopio@ufv.br)



A abordagem interdisciplinar dada ao conceito de representações sociais perpassa campos como o da Psicologia e da Sociologia. Nesta última, com base nos postulados de Durkheim e suas representações coletivas, tem-se um espectro no qual a sociedade está arregimentada sob formas estáveis de compreensão dos elementos que lhe cercam, de modo que os significados são construídos e partilhados coletivamente. Já no âmbito da Psicologia – notadamente a Psicologia Social, que será o cerne deste artigo – há um notório interesse em se correlacionar as dimensões sociais e individuais, de modo a tornar clara a ideia de que ambas as instâncias interferem e são elementos cruciais no processo de produção e difusão de representações (FRANÇA, 2004).

Neste trabalho, atemo-nos à vertente da Psicologia Social para, em sequência, desenvolvermos os conceitos de identidade e diferença, pensados como elementos primordiais para nossas análises. Há ainda uma seção dedicada à explanação sobre o regionalismo na TV brasileira, focalizado desde seus primórdios, bem como um breve panorama metodológico empregado na realização desta pesquisa para, enfim, apresentarmos os resultados obtidos nas discussões em grupos focais com jovens estudantes de Cataguases, no interior de Minas Gerais.

## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IDENTIDADE E DIFERENÇA**

A teoria das representações sociais, no âmbito da Psicologia Social, tem sua base nos postulados de Serge Moscovici. O conceito remete ao que Emile Durkheim denominou de representações coletivas. Entretanto, Moscovici prefere usar o termo “social” em lugar de “coletivo” a fim de “explorar a variação e diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, enfatizando a ideia de produção, de criação coletiva de ideias, ligando o fenômeno das representações a processos implicados com diferenças na sociedade (FRANÇA, 2004, p. 14)”. Por esta razão, as representações se reformulam no transcorrer das interações humanas, ocorridas cotidianamente.

Para Moscovici (2011, p. 216), “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo”. Por estas razões, a concepção de representação leva em conta, necessariamente, a dimensão interativa entre os sujeitos e os objetos. É justamente a partir de tal interação que se produzem as chamadas representações



sociais. Estão as interações humanas, portanto, diretamente ligadas às representações – sejam interações entre pessoas ou grupos.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2011, p. 41)

É nesse sentido que se devem vislumbrar as representações sociais como resultado de um processo coletivo, de trocas mútuas, que, por sua vez, não desconsidera o potencial do sujeito individualizado, mas o percebe enquanto constituinte de uma coletividade. Perante as trocas comunicativas, as representações se moldam, se atualizam, se reconfiguram. Na visão de Moscovici, as representações sociais possuem duas funções:

Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. (...) Em segundo lugar, representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2011, p. 34-36)

As convenções auxiliam no processo de identificação de significados e interpretação de sentidos assumidos por objetos ou pessoas em determinados contextos. Dessa forma, o conhecimento prévio orienta nossas percepções acerca da realidade. Por outro lado, o caráter prescritivo das representações indica nossa submissão a uma série de saberes e valores já existentes, independentes de nossa vontade, que direcionam nossas interpretações. É nesse sentido que o autor afirma que as representações “são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações (MOSCOVICI, 2011, p. 37).”

Segundo os pressupostos básicos de Serge Moscovici, “(...) a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI, 2011, p. 54). Todo e qualquer elemento considerado familiar gera um quadro de estabilidade e tranquilidade para quem se depara com ele. O que é familiar é dotado de regularidade, com ausência de atribulações e perturbações que atrapalhem a



ordem. São espaços de manutenção das tradições, nos quais os objetos e pessoas são percebidos como elementos já conhecidos, previamente mostrados. Com base nesses saberes, as sociedades impõem segregações – caracterizando, de um lado, o que/quem é familiar, e de outro, tudo aquilo marcado pela alteridade, pela diferença.

É a partir dessa demarcação que se pode considerar também a validade e pertinência dos conceitos de identidade e diferença – que estão diretamente imbricados e, na visão de Hall (2000), devem ser visualizados como itens intimamente relacionais. As identidades adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos que as representam e dependem da contraposição que se estabelece entre identidades distintas (ou seja, depende da diferenciação entre identidades). Assim, assume-se uma série de características como pertencente a um dado grupo e o que destoa de tal categorização é classificado como “diferença”. É por isso que podemos coadunar com a afirmação de Woodward (2000, p. 39), na qual ela alega que “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença.”. Por outro lado, “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições” (WOODWARD, 2000, p. 41). Como bem lembra Maria Vassalo Lopes, “a afirmação de uma identidade se fortalece e se recria na comunicação – encontro e conflito – com o outro” (LOPES, 2004, p. 128), reforçando o caráter relacional destes conceitos.

As identidades têm um caráter relativo, moldado a partir das oposições binárias. Entretanto, essa condição dicotômica – encontrada nas teorias de Saussure e dos estruturalistas – produz concepções carregadas de valoração, pois sempre realça um determinado aspecto do par opositor em detrimento ao outro. Homem/mulher, dia/noite, cultura/natureza são exemplos de pares imbricados de valores relativos entre si (numa relação permanente de dualidade), em que um deles é visto como o “normal” e o outro é sempre o “desviante”. Contudo, não existe uma fixidez, e sim uma contingência, por isso os significados variam com frequência e são construídos socialmente.

Identidade e diferença não são elementos que simplesmente existem em si mesmos, como se fossem questões transcendentais e de caráter metafísico, mas são construídos a partir de uma criação discursiva. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas (...). Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (SILVA, 2000, p. 76). Assim, elas fazem parte de uma cadeia de significados, assumidos num contexto específico e submetidas a grupos também específicos. Dessa forma, ao assumirmos uma identidade e julgarmos o outro como diferente, tal processo é simplesmente uma construção discursiva – visto que a diferença



do outro é, do ponto de vista dele e de seu grupo, uma identidade. A diferença do outro é, para este outro, sua própria identidade e, portanto, esses dois conceitos só adquirem sentido quando se assume um determinado ponto de vista, um lado a seguir e, a partir dele, se define o incluído e o excluído. Se não houver ponto de vista, não há meios de se demarcar quem está dentro e quem está fora – pois, como já dito, dentro e fora são constructos relativos a contextos específicos. Logo, identidade e diferença estão condicionadas à visão de um grupo dominante, que detém o poder para classificar o que deve ser considerado parâmetro e o que deve ser renegado.

Como são elementos criados pelos sujeitos a partir de um contexto determinado, identidade e diferença não são produzidas de forma inocente. Elas são impostas e disputadas, pois trazem consigo relações de poder. “Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade” (SILVA, 2000, p. 81). Definir a identidade é demarcar fronteiras, delimitar o que fica dentro e o que fica fora. A partir dessa demarcação, gera-se uma divisão social que indica posições-de-sujeito bem nítidas dentro da sociedade. Nesse sentido, busca-se normalizar a identidade, ou seja, uma identidade é eleita como parâmetro e todas as outras são hierarquizadas a partir da identidade-modelo. Essa condição leva à própria invisibilidade da identidade normatizada, que passa a ser considerada a identidade natural, reconhecida como a verdadeira e normal. Outras manifestações identitárias acabam por serem suprimidas ou marginalizadas, haja vista sua inadequação ao que é estabelecido como referencial.

Nesse sentido, de muitas maneiras a televisão corrobora para a perpetuação de um imaginário no qual se pode elencar uma identidade dominante, em detrimento de inúmeras outras concepções identitárias. Ao homogeneizar suas grades de programação, as emissoras levam para os lares uma representação dominante e frequentemente carregada de estereótipos acerca do que é ser brasileiro, por exemplo. Pensando na dimensão regionalista das TVs, damos prosseguimento a nossas análises, considerando a potencialidade das emissoras regionais e o papel que desempenham na dinâmica midiática de produção, construção e disseminação de identidades locais/regionais.

## **O REGIONALISMO NA TV: AS BRECHAS PARA SE VER NA TELA**

A televisão brasileira deu seus primeiros passos em nível local. Como consequência dessa condição, o telejornalismo se organizava em função de uma



geografia limítrofe, atendendo às demandas das localidades abarcadas pelas emissoras. Como nasceram eminentemente locais/regionais, as TVs desenvolveram uma linguagem própria para dialogar com sua audiência circunvizinha. Com as inovações técnicas (a chegada do videoteipe, por exemplo), a produção televisiva pôde se ampliar significativamente e ser reproduzida em larga escala, passando a compor redes nacionais que transmitiam para uma região notadamente mais abrangente (PERUZZO, 2005). Porém, não deixaram de existir as emissoras filiadas e afiliadas, que cumprem papel relevante na manutenção dos regionalismos – mesmo em tempos de padronização das grades de programação.

No caso dos telejornais, por exemplo, dentre tantos fatores, as questões econômicas e de mobilidade imperam na hora da produção. Pela facilidade de acesso e deslocamento, frequentemente a cidade-pólo e circunvizinhas acabam privilegiadas na TV, o que interfere diretamente na identidade regional que é veiculada. Nos telejornalísticos ditos regionais quem, de fato, ocupa espaço expressivo na tela é a própria cidade-sede da emissora interiorana.

As tevês regionais, por uma série de questões, procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante da sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver razão maior (SILVA, 1997, p. 61)

Diante das limitações das emissoras, o que se configurou foi um quadro de temor quanto ao papel dos canais regionais, em face ao processo de globalização. Por conta da falta de recursos, parecia inevitável que o caminho lógico para tais TVs seria sucumbir diante da padronização nacional das grades de programação. Entretanto, o que se sucedeu foi exatamente o oposto: a valorização dos conteúdos regionais e locais em tempos de culturas híbridas e transnacionais. Contudo, “o interesse da grande mídia pelo local, num primeiro momento, apresenta-se mais por seu lado mercadológico do que pela produção de conteúdo regionalizado” (PERUZZO, 2005, p. 68). A TV buscou enxergar no regionalismo uma forma de publicidade, explorando as peculiaridades de cada área. O resultado desse mecanismo foi a gradativa evolução das formas de produção de conteúdo regional, numa tentativa de não só privilegiar a cidade-pólo, mas dedicando espaço a outros municípios também importantes para a área de abrangência da TV.



A busca por mais espaço na grade das TVs regionais é constantemente alvo de críticas e análises, pois, é através da programação regional que as emissoras têm condição de fortalecer seus laços com os públicos aos quais se dirigem. Nesse viés, a programação regional das emissoras ainda é um grande empecilho a ser modificado. Isso porque, mesmo diante das determinações legais quanto à obrigatoriedade de programação regional, este espaço ainda é bastante reduzido<sup>4</sup>.

A resposta da Globo para a questão da regionalização limita-se nos anos 80, à introdução de temáticas regionais em suas novelas. No jornalismo, é somente a partir do começo dos anos 90 que surgem os jornais denominados Praça TV: RJ TV, MG TV, SP TV, etc. Mas se, nas outras emissoras, a estratégia da localidade é inserida com rapidez e tranqüilidade – porque nelas não havia um padrão rígido de programação e uma penetração ampla, em escala nacional –, na Globo a coisa é bem diferente. O padrão construído pela emissora – que incluía uma homogeneidade na programação e uma produção voltada para uma grande massa e para o nacional –, cria obstáculos no caminho dessa nova configuração que exige, entre outras coisas, respostas às demandas regionais. (BORELLI; PRIOLLI, 2000: p.88).

Além de buscar conciliação entre a programação nacional e as brechas para uma programação regional, as emissoras do interior ainda trabalham no intuito de acompanhar os padrões determinados pelas cabeças de rede – como é o caso da Rede Integração em Minas Gerais. A reprodução desse padrão técnico-estilístico garante ao público uma identificação com o modelo já difundido pela cabeça de rede, pensando-se em termos de qualidade técnica das produções audiovisuais. Assim, a TV regional tem papel fundamental no fortalecimento das culturas as quais ela abarca, colocando na tela uma série de elementos de conhecimento da população que lhe assiste. Além disso, “(...) é através da TV regional que o público possui a oportunidade de se ver retratado na tela da televisão, tentando talvez obter, de alguma maneira, respostas aos seus anseios ou, simplesmente, sentir-se mais próximo de seus direitos” (BAZI, 2001, p. 87). Dessa maneira, buscar a TV regional como opção de programação se concretiza como uma chance de se reconhecer diante da tela, capacitada a colocar em destaque problemas e mazelas locais que, sem o reforço da mídia, não ganhariam proporção significativa e visibilidade.

Diante do cenário no qual se encontram as emissoras regionais, buscamos problematizar a representação de uma cidade interiorana (Cataguases–MG), que não se

---

<sup>4</sup> Recentemente, por conta das comemorações de seus 50 anos, a Rede Globo anunciou a ampliação do tempo dedicado a programas regionais, exibidos pelas afiliadas. A ampliação, segundo a emissora, será de quase duas horas a mais por semana. Mais informações em <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv-globo-anuncia-mudancas-na-grade-amplia-horario-de-programacao-regional-15875568>



constitui como sede de emissora regional. Para tal proposta, valemo-nos de grupos focais como percurso metodológico, conforme explicitamos a seguir.

## **O GRUPO FOCAL COMO PERCURSO METODOLÓGICO**

O grupo focal é uma metodologia empregada com o objetivo de se apreender as percepções de um conjunto de indivíduos sobre determinado tema, não importando opiniões isoladas, e sim o resultado da interação durante o ambiente de realização do grupo. Discussão em grupo focal “é uma técnica que recolhe dados da vida real em um contexto social” (THORNTON, 2005, p 21). Constitui-se ainda como uma maneira de se obter informações a partir de conversas guiadas entre membros de um determinado conjunto (THORNTON, 2005).

Nesse sentido, nossa pesquisa trabalhou com 27 alunos do 2º ano do ensino médio de duas escolas de Cataguases–MG: uma pertencente à rede pública, e outra da rede particular. Realizamos dois grupos focais, em dias e horários específicos, e no próprio ambiente escolar. Para a organização dos grupos, contamos com a colaboração da direção, professores e coordenadores das escolas envolvidas no projeto (são elas: Escola Estadual Professor Clóvis Salgado – pública – e Colégio Soberano – particular). Tais escolas foram escolhidas por conta da proximidade do pesquisador com ambas as instituições, sendo aluno egresso das respectivas unidades de ensino. Os grupos focais foram gravados em áudio e vídeo para posterior transcrição.

Para iniciar as discussões dos grupos, primeiramente foi realizada uma abertura – composta por perguntas introdutórias e com a intenção de se familiarizar com os membros dos grupos, descontrair o ambiente e ainda indicar a relação e o interesse dos jovens pelas mídias. Num segundo momento, buscamos perceber qual o vínculo mantido pelos jovens com os telejornais em geral e, em seguida, voltando-se para o telejornalismo regional. A terceira fase se ateve às percepções dos participantes com relação às reportagens selecionadas para realização do grupo (reportagens exibidas pelo telejornal MGTV, da TV Integração de Juiz de Fora-MG, entre junho e julho de 2013, que tivessem a cidade de Cataguases como eixo central<sup>5</sup>). Por fim, o último bloco de questões buscou ponderar a quais considerações os jovens chegaram após as três reportagens. Vale ressaltar que este trabalho é um recorte da pesquisa “A representação

---

<sup>5</sup> As três reportagens selecionadas foram: “PM registra queda no número de furtos à residência em Cataguases”, “Movimento cobra preservação do Cine Edgard em Cataguases, MG”, e “Filme de animação feito em Cataguases utiliza a técnica do *stop motion*”.





da cidade de Cataguases no telejornalismo regional”, que foi desenvolvida como projeto de monografia na Universidade Federal de Viçosa.

Em nossa pesquisa, os conceitos de identidade e diferença remetem à percepção que os jovens têm acerca da cidade onde vivem ou estão estudando (Cataguases) e quais características atribuem ao local a partir do que é veiculado pelo telejornal MGTV, da TV Integração, afiliada de TV Globo em Juiz de Fora. Assim, quando qualificam a cidade, fazem-no a partir de ideias e representações já construídas socialmente.

Com base nesses conceitos, pontuamos a seguir as percepções obtidas nos grupos focais. Seguindo as orientações para aplicação da referida metodologia, os participantes não serão identificados por seus respectivos nomes. Sendo assim, cada um dos estudantes teve seu nome relacionado a uma letra e um número (letra C, para Escola Estadual Professor Clóvis Salgado; e S para Colégio Soberano, seguidos, respectivamente de um número, conforme a ordem alfabética dos nomes selecionados).

## **DOIS LOCAIS DENTRO DE UM LOCAL**

De modo geral, segundo a visão dos estudantes consultados, a representação que se constrói de Cataguases no telejornalismo regional remete a uma cidade com demasiados problemas de ordem social, econômica, política e de infraestrutura. É possível, entretanto, notar distinções entre os grupos: enquanto na rede pública os estudantes são mais incisivos, taxativos ao concederem avaliações depreciativas para a cidade e sua imagem em tela, na rede particular os alunos são mais ponderados, raramente qualificando de modo pejorativo a cidade. Em síntese, na opinião de ambos os grupos, a cidade somente adquire espaço na mídia quando se vê atingida por catástrofes de grande proporção:

C10: Vai falar de Cataguases no jornal, você já espera o pior.

C9: Ou é acidente, ou é catástrofe. Igual teve a enchente.

C5: Enchente, aí Cataguases aparece na televisão.

C4: Ou é trabalho da prefeitura.

C5: Nossa, Cataguases apareceu na televisão (em tom de espanto e surpresa)! Mas apareceu por uma tragédia, não apareceu por uma coisa boa. O povo teria que se orgulhar se fosse aparecer por uma coisa boa.

S7: Na verdade, é isso aí né. Custa a passar reportagem de Cataguases, e quando passa, é pra mostrar as coisas que estão estragadas.

S2: É bom mostrar pro pessoal tomar uma atitude.

S8: Igual ele falou: é pra alertar mesmo e mostrar a situação que tá o cinema, o que aconteceu pra ele ser fechado, ser interditado.



A afirmação de C5, no trecho anterior, torna nítido o anseio dos jovens em ver a cidade sendo representada de uma forma positiva, ressaltando elementos benéficos de Cataguases, e não apenas as intempéries enfrentadas constantemente. Porém, os jovens só são capazes de apontar elementos negativos sobre a imagem da cidade porque já ouviram ou viram, em momentos anteriores, essas imagens sendo transmitidas a eles. Ou seja, tais qualificações se coadunam com representações socialmente difundidas e compartilhadas pela população local, já que as representações “circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano (MOSCOVICI, 1978, p. 41)”. Há, portanto, uma memória discursiva em relação aos aspectos pejorativos conhecidos pelos jovens da cidade. Nesse sentido, existe uma identidade cataguasense atrelada ao conceito de catástrofes naturais, compartilhada por grande parcela dos moradores da cidade. Com relação às enchentes, citadas pelos alunos, tal saber não se configura apenas como uma representação difundida por gerações mais velhas, mas diz respeito a situações da história local vivida por esses jovens, que presenciaram tais acontecimentos recentes, ocorridos num curto intervalo de tempo (visto que, dentre as três maiores enchentes da cidade, duas delas aconteceram em 2008 e 2012. A outra grande cheia ocorreu em 1979).

Apesar dessa imagem focada em elementos pejorativos, ainda assim a população se orgulha ao ver a cidade surgindo na tela da TV – segundo afirma C5. Tal condição nos leva a crer que a população busca se ver representada na emissora regional, mesmo quando o assunto não remeta a questões claramente favoráveis à imagem da cidade. É o que Bazi (2001) diz sobre o interesse eminente da população em se enxergar nas TVs regionais, apesar delas não dedicarem tempo significativo para a maior parte das cidades de uma determinada área geográfica.

Nessa lógica, ao pontuarem aspectos relativos a Cataguases, os jovens alicerçam suas afirmativas em adjetivações de caráter negativo, valendo-se de palavras como “pior”, “tragédias”, “acidente”, “catástrofe”, “estragadas” e “enchente”, por exemplo, que confirmam uma representação desfavorável à cidade. Desse grupo de palavras pejorativas, apenas “estragadas” foi citada pelos jovens da rede particular, enquanto as outras foram proferidas pelos jovens da rede pública em suas colocações, o que se configura como um sinalizador para a discrepância entre os grupos.

Porém, para os estudantes da rede particular, ao evidenciar as mazelas que a cidade possui, a TV regional seria responsável por contribuir com a fiscalização da ordem – o jornalismo como fiscal do poder público – e o despertar para a necessidade



de obras e reparos em monumentos locais (no caso, a necessidade de se restaurar o cinema local, como citado por S8). Assim, mesmo não dedicando uma parcela significativa de tempo para a cidade, o jovem da rede particular (S8) identifica na TV Integração um modelo de emissora que cumpre uma função social: a de alertar a população quanto aos problemas de ordem pública para que possam ser solucionados. Já para os alunos da rede pública, pelo que se apreende de suas ponderações, a TV estaria apenas interessada em transmitir as mazelas características da cidade.

Em outra vertente, analisando o papel cultural da cidade e a importância que o cinema tem para a história local, os jovens da rede particular demonstram indignação com a situação do único cinema do município<sup>6</sup>, mostrado em uma das reportagens:

S1: Igual o S8 falou, [a reportagem] mostra o patrimônio público, mas mostra o descaso com ele. É [uma imagem] positiva e negativa [da cidade].

[...]

S10: Na verdade, [uma imagem] negativa. Desvalorizar um patrimônio é como você jogar aquilo que você acredita no lixo. Você batalhou por um lixo.

[...]

S5: Ah, positiva por mostrar o lado cultural da cidade, mostrando as características; e negativa pelo descaso que tem com o patrimônio da cidade.

S4: Eu acho que, exatamente por mostrar o lado cultural, fica pior ainda. Porque aí, mesmo sabendo a importância que tem, ainda tá daquele jeito.

O excerto anterior deixa clara a indignação dos estudantes da rede privada com a atual situação do cinema. Demonstram revolta ao ver a maneira com que um bem cultural é tratado. Essa sensação de revolta se consolida entre os jovens porque nutrem o desejo de não deixar uma representação tão fortemente característica da cidade ser deteriorada com o tempo<sup>7</sup>. Como conhecem o passado cinematográfico local, sentem-se afetados quando não há movimentação por parte das autoridades públicas no intuito de conservar e reparar os problemas do prédio e, conseqüentemente, manter viva a imagem gloriosa do cinema. Assim, sentem-se como se estivessem perdendo um pouco da tradição com a qual coadunam – a tradição historicamente construída, ligada ao auge da produção cinematográfica de Cataguases.

---

<sup>6</sup> Atualmente a cidade conta com duas salas de cinema, funcionando em área comercial recentemente criada na região central do município. O antigo cinema, por sua vez, segue fechado, sem reformas.

<sup>7</sup> A história do cinema cataguasense está atrelada à própria história do cinema nacional. Para mais informações, consultar SALLES GOMES, Paulo Emílio. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.



Também na escola pública, enquanto a reportagem era exibida no grupo focal, os jovens esboçaram reações de revolta com a condição do Cine Edgard (nome do cinema de Cataguases). Ao ouvirem a jornalista afirmar que a cidade possui apenas um cinema, alguns jovens lançaram frases exclamativas, como “C5: Que absurdo!” e “C9: Que vergonha!”, corroborando com o sentimento de indignação, também expresso pelos alunos do grupo focal da rede privada de ensino. Entretanto, boa parte dos alunos da rede pública alegou desconhecer detalhes sobre a história do cinema local, principalmente a relação de Humberto Mauro com a evolução cinematográfica cataguasense. Quando perguntados se conheciam o famoso cineasta, diversos alunos deram respostas como “Não conheço.” e “Muito por alto né.”. Apenas um aluno afirmou conhecer brevemente a história de Mauro, porém sem se ater a detalhes sobre a vida e obra do cineasta (“C9: Ele foi um dos maiores cineastas brasileiros, esses troços assim.”). Essa postura se mostrou contrária ao que se viu entre os alunos da rede privada, que já detinham informações sobre a história cultural da cidade. Desse modo, a indignação que encontra lugar entre os alunos da rede pública está diretamente vinculada à quantidade de salas de cinema disponíveis na cidade (pois se espantaram com o fato da jornalista afirmar que a cidade só possui um cinema), e não uma revolta por conta do descaso com um bem público, símbolo da história local – já que desconhecem fatos marcantes desta história.

Ao assumirem desconhecimento sobre fatos da história cataguasense – como a vida e obra de Humberto Mauro – os alunos da escola pública comprovam que não estão inseridos num ciclo que perpetua pela cidade a representação de uma Cataguases atrelada ao cinema. Apesar do interesse das elites locais em manter viva a representação de uma cidade culturalmente forte, uma parcela significativa não tem acesso a tais informações. É interessante notar também que, mesmo divulgada nas mídias (como na TV, que auxilia nesse processo de manutenção das tradições de um determinado lugar), a história local não pode ser apreendida por todos da cidade, uma vez que muitos não possuem os conhecimentos prévios necessários, ou seja, a familiarização com o assunto (MOSCOVICI, 2011), para se reconhecerem no material divulgado.

Ainda com relação ao conhecimento da história local, percebemos outro item de discrepância entre os jovens consultados: o projeto *Fábrica do Futuro* (ligado à produção de curtas na cidade), citado em uma das reportagens do *MGTV*, é amplamente conhecido pelos alunos da rede privada, ao contrário dos estudantes da rede pública, que desconheciam totalmente tal iniciativa cultural. Assim sendo, a reportagem exibiu para

os alunos da rede pública a representação de uma Cataguases não condizente com a Cataguases que eles conhecem – a Cataguases que lhes é familiar (MOSCOVICI, 2011). A fala de C4 é a que melhor exemplifica essa relação entre a realidade de tais jovens e o projeto do qual eles não tinham informações: “C4: [a reportagem apresenta] uma realidade que eu não conhecia. Se alguém me falasse disso, eu falaria que era mentira. Não falaria que era mentira, falaria que eu desconheço totalmente”. Dessa forma, a matéria levou a eles uma série de dados de caráter não-familiar (MOSCOVICI, 2011), até então desconhecidos, que lhes causaram estranheza.

Apesar de não conhecerem o projeto, a *Fábrica do Futuro* é apresentada como um fator extremamente favorável à imagem da cidade, na opinião dos alunos da rede pública. Ao ver a matéria, C2 faz a seguinte afirmação: “Coisa ruim todo mundo sabe né, mas coisa boa ninguém conhece”. Com essa afirmativa, C2 esclarece que a representação de Cataguases que prevalece entre os membros do grupo é a de um lugar com inúmeros problemas sociais, enquanto os elementos positivos são apagados e pouco difundidos (ou ainda, difundidos, mas de modo seletivo, não chegando a atingir a totalidade dos bairros e classes sociais presentes na cidade). Os jovens da rede pública se mostraram entusiasmados com a novidade (“C4: Todo mundo gostaria de contar uma novidade dessas de Cataguases, com certeza.”), apesar de não se verem representados no conteúdo exibido. A surpresa com o projeto os fez refletir sobre os aspectos benéficos encontrados na cidade. Apesar disso, foram capazes de pontuar elementos que indicam o teor não apenas positivo da reportagem, visto que o projeto abarca jovens estrangeiros para uma espécie de estágio e não pareceu dar espaço aos jovens locais:

C4: Se for ver bem assim mesmo, não é bem negativo, mas em vez do carinho lá da África ter vindo, poderia ter sido um habitante da cidade. Eu não vi habitantes da cidade no projeto.

C3: Mas você tem interesse nisso?

C4: Eu, por exemplo, teria, se eu soubesse do projeto.

C10: Pra mim é negativo porque não tem gente da cidade.

C5: Se o projeto fosse mais divulgado, talvez fosse mais habitantes daqui trabalhando nele do que gente de fora vindo pra cá. Pode ver, ninguém sabe desse projeto.

C9: É. Quase ninguém sabia.

Com relação ao fragmento anterior, podemos perceber uma discrepância existente entre a representação de Cataguases como uma cidade vinculada ao cinema e, de fato, quem possui conhecimentos suficientes para reconhecer tal identidade local. Tradicionalmente, pensa-se na cidade como o celeiro do cinema brasileiro, contudo nem todos têm acesso a esse saber. Instituições e organizações financeiras da cidade



(incluindo a própria *Fábrica do Futuro*, que está vinculada a grupos de poder dentro de Cataguases) buscam reforçar tal imagem, valendo-se das mídias locais e regionais para manter essa representação construída ao longo do tempo. Apesar de tais iniciativas, não há correspondência por parte de uma parcela da população, que não se reconhece em tal representação de Cataguases, visto que se configura como uma realidade diametralmente oposta à vivenciada por muitos moradores locais. O que se nota é a oposição clara entre a representação de uma cidade de tradição cultural, mas que não encontra acolhida em diversos segmentos de sua própria sociedade (como se destaca na fala dos jovens, por não se verem incluídos nos projetos de cinema local). Pode-se dizer que, tal como afirma Woodward (2000), há uma criação discursiva dos conceitos de identidade e diferença dentre os moradores da cidade: os alunos da escola particular coadunam com a representação dominante (a identidade socialmente estabelecida e difundida), enquanto os da escola pública não detêm saberes específicos sobre tal representação e, por isso, são marcados como diferentes e, conseqüentemente, marginalizados do processo de manutenção das tradições locais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi discutido neste trabalho, podemos salientar que o telejornal apresenta uma mesma cidade aos dois grupos de jovens, mas a representação que cada grupo tem de Cataguases difere por motivos que, possivelmente, vão das questões econômicas (escola pública x escola particular) até as geográficas (centro x periferia). Assim, não podemos afirmar que a identidade cataguasense é a mesma para qualquer jovem nascido ou residente no local. Na rede privada de ensino, os alunos foram, em certa medida, mais entusiastas e se mostraram defensores das tradicionais representações que se tem da cidade – como mostra a fala de S8: “No geral, [Cataguases é] uma cidade criativa. Muitas ideias, muitas coisas novas. Um espaço cultural”. O estudante S13 destaca que “Cataguases é uma cidade que tem muita história”. Em outro momento, um dos jovens (S8) enfatiza o passado glorioso da cidade e, por isso, o que o telejornal regional faz é ressaltar “ainda mais o celeiro cultural que Cataguases é. Influência aqui na região.” Com esta fala, pode-se perceber a relevância que o passado da cidade tem para a construção de uma representação coletiva do local.

Todas essas qualificações só puderam ser feitas pelos jovens porque eles compartilham de uma série de informações e saberes relativos ao passado e à história da



cidade (algo não notado entre os estudantes da escola pública). Por estas razões, há claramente dicotomias socioeconômicas e culturais entre os grupos da cidade e foi graças à TV regional que pudemos visualizar uma problemática de cunho coletivo tão relevante e que demanda políticas sociais urgentes e imediatas para inclusão igualitária de segmentos da sociedade que permanecem marginalizados dentro da própria cidade.

## REFERÊNCIAS

BORELLI, Silvia H. S; PRIOLLI, Gabriel (coords). **A deusa ferida:** porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.

FRANÇA, Vera. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain (orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p.13-26.

LOPES, M. I. V. “Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização”. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Telenovela:** internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004. 250 p. pp. 123-126.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 8ª ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Mídia regional e local:** Aspectos conceituais e tendências. In: Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2005, nº43, p. 67-74.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV regional:** trajetória e perspectivas. Campinas: Alínea, 2001.

SILVA, Robson Bastos da. Análise comparativa entre duas emissoras de televisão regionais situadas na Baixada Santista. In: MATTOS, Sérgio (org.). **A televisão e as políticas regionais de comunicação.** São Paulo: INTERCOM, 1997.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão.** Grupos focais. Metodologia. Trad. Luciane D’Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2005.